

PAISAGEM E AS DIFERENTES ABORDAGENS GEOGRÁFICAS

Monique Cristine de Britto

Mestranda em Geografia, Universidade Federal de Juiz de Fora, Rua José Lourenço Kelmer, s/n-Campus Universitário. Bairro São Pedro. Cep.: 36036-900. Juiz de Fora/MG. E-mail: moniquecristine@yahoo.com.br

Cássia de Castro Martins Ferreira

Professora do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Juiz de Fora. Rua José Lourenço Kelmer, s/n-Campus Universitário. Bairro São Pedro. Cep.: 36036-900. Juiz de Fora/MG. E-mail: Cassia.castro@uffj.edu.br

Resumo

A luz da ciência geográfica, o presente trabalho buscar-se-á contextualizar o conceito de paisagem, a iniciar-se pelas correntes do pensamento geográfico, passando pelas escolas alemãs, russas, norte-americanas e nacionais, apresentando ao seu final um panorama das definições e os autores que alimentam distintos olhares a respeito desse conceito, ainda pouco explorado pelos geógrafos nacionais.

Palavras-chave: Paisagem, abordagens, autores.

Abstract

The light of geographical science, this paper will seek to contextualize the concept of landscape, starting out by the currents of geographic thought, through the German schools, Russian, and U.S. nationals by presenting an overview to the end of definitions and the authors who feed looks different about this concept, yet little explored by national Geographic.

Keywords: landscape, approach, authors.

Paisagem e as correntes do pensamento geográfico

Como toda ciência, a Geografia possui seus conceitos-chaves (paisagem, região, espaço, lugar e território) com grande grau de parentesco e capazes de sintetizar a objetivação geográfica, concebendo-a identidade e autonomia. Pertencendo, ao mesmo tempo, ao domínio das ciências da Terra e ao das ciências humanas, a Geografia tem por objeto próprio a compreensão do processo interativo entre sociedade e a natureza, produzindo, como resultado, um sistema de relações e de arranjos espaciais que se expressam por unidades paisagísticas identificáveis. Dentro da Geografia, a paisagem adquiriu um caráter polissêmico, variável entre as múltiplas abordagens geográficas adotadas e

dependente das influências culturais e discursivas entre os geógrafos. Esta elasticidade demonstra, na realidade, uma complexidade do conceito, em função de como o mesmo foi tratada pelas várias correntes, moldadas cada qual em um determinado contexto histórico e cultural.

De acordo com Corrêa (2008, p. 17-19), é na Geografia Tradicional (1870-1950), que o conceito de paisagem é privilegiado, juntamente com o de região, girando em torno deles a discussão sobre o objeto da geografia e a sua identidade no âmbito das demais ciências. Nesse momento, os debates incluíam os conceitos de paisagem, região natural e região paisagem, assim como os de paisagem cultural, gênero de vida e diferenciação de áreas.

Durante a Geografia Teorética-Quantitativa (da década de 1950), a Geografia sofreu profundas modificações, adotando-se a visão da unidade epistemologia da ciência, unidade calcada nas ciências da natureza, principalmente na Física. Ocorreu uma consagração do raciocínio hipotético-dedutivo e, os modelos matemáticos, com suas quantificações, foram elaborados e, em muitos casos, análogos aos das ciências naturais. Nessa fase, a geografia passa a ser considerada como ciência social e/ou uma ciência espacial, fato que reduz a importância do conceito de paisagem e promove o conceito de espaço, que adquire uma posição de conceito-chave na Geografia. O conceito de região é reduzido ao resultado de um processo de classificação de unidades espaciais com base em técnicas estatísticas (CORRÊA, 2008, p.19-23).

Fundada no materialismo histórico e na dialética, a Geografia Crítica (década de 1970), mantém o espaço como o conceito-chave, embora marcando uma revolução à medida que buscou romper com a Geografia Tradicional e a Geografia Teorética-Quantitativa. Intensos debates entre os geógrafos marxistas e não-marxistas ocorrem a partir daquela década. O espaço é concebido como o *locus* da reprodução das relações sociais de produção, isto é, reprodução da sociedade. Dessa maneira, sociedade e espaço deveriam ser trabalhados concomitantemente a partir de uma formação sócio-espacial, que por sua vez, pode ser considerada como uma meta-conceito, um paradigma, que contém e está contido nos conceitos-chave, de natureza operativa, de paisagem, região, espaço, lugar e território (CORRÊA, 2008, p. 23-29).

Paralelamente à Geografia Crítica, as décadas de 1970 e 80, viram também o surgimento da Geografia Humanista e Cultural, respectivamente, assentadas na fenomenologia, no existencialismo, na retomada matriz historicista, na subjetividade, intuição, nos sentimentos, na experiência, no simbolismo e na contingência, privilegiando o singular e a compreensão como base de inteligibilidade do mundo real. Nessa fase, o conceito de paisagem é revalorizado, assim como o conceito de região. O lugar passa a ser o conceito-chave e o espaço, ganha o significado de “espaço vivido”, como apresentado nos trabalhos de Gallais, 1977; Tuan, 1979; Isnard, 1982 & Holzer, 1992 apud Corrêa, 2008, p.31-35.

De forma geral, hoje é possível perceber a existência conceitual de várias paisagens, em forma de região, território, lugar, etc., se fazendo presente na geografia física, quanto na geografia cultural.

TRAJETÓRIAS DO CONCEITO DE PAISAGEM

A palavra paisagem é de uso corrente, sendo utilizada tanto no dia-a-dia como nas diversas ciências, afinal, quantas vezes já não fomos convidados a contemplar uma paisagem em um mirante, pela janela de um ônibus, ou mesmo, em uma praia, ao ver a linha do horizonte? Geralmente essas abordagens são pautadas no belo, na visão, na apreensão individual e na subjetividade, o que remete a uma parcela da origem desse conceito, podendo ser representada como um papel determinante na construção coletiva de uma paisagem.

Na geografia, a paisagem adquiriu um caráter multifacetado, combinando formas e cultura, significados e valores. Como apresentado por Vitte (2007, p.72), etimologicamente, o vocábulo *paisagem* surgiu no século XVI, ligado à concepção de país, denotando o sentido de região, território, nação.

Em hebraico, o *noft* (paisagem) está relacionado com *yafe*, que significa algo maravilhoso, aparecendo pela primeira vez no Livro dos Salmos (48:2). No “Livro de Salmos”, a paisagem refere-se à bela vista que se tem do conjunto de Jerusalém, com templos, castelos e palacetes do Rei Salomão. Na língua inglesa, o termo *Landscape* (paisagem) é derivado de *Landscip* que surgiu no século XVI, dizendo respeito à organização dos campos, enquanto que *scenary* significa cenário, panorama. Em holandês escreve-se *selanschap*, originado do vocábulo germânico *landschaft*, que significa uma unidade de ocupação humana, uma jurisdição (CHRISTOFOLETTI, 1999; SCHAMA, 1996; PREGILL & VOLKMAN, 1998 apud VITTE, 2007, p.72). Essas designações demonstram que o termo de paisagem encerra uma conotação espacial (*land*), podendo ser caracterizada historicamente sob uma perspectiva estética-fenomenológica, na qual a paisagem corresponde a uma aparência e uma representação; um arranjo dos objetos visíveis pelo sujeito por meio de seus próprios filtros. Já outra conotação, pode ser caracterizada como geopolítica, designando uma unidade territorial onde se desenvolve a vida de pequenas comunidades humanas.

No Dicionário Aurélio, por exemplo, o verbete paisagem é descrito segundo duas acepções, sendo primeiramente caracterizada como um espaço do terreno que se abrange num lance de vista e secundariamente, como pintura, gravura ou desenho que representa uma paisagem. Em ambos os casos a visão é o órgão humano mais explorado, uma interpretação renascentista do conceito, período que se destaca os trabalhos de Leonardo da Vinci e Rembrandt. O Renascimento marca um momento em que o homem, ao mesmo tempo em que começa a distanciar-se da

natureza, adquire técnica suficiente para vê-la como algo passível de ser apropriada e transformada. Essas modificações não se deram de forma drástica, preservando, dialeticamente, os valores místicos e espirituais agregados à ideia de paisagem.

De acordo com Vitte (2007, p. 73) para Leonardo da Vinci (1.452-1.515), a paisagem era um hieróglifo e expressava uma conexão entre os elementos do mundo, que apresentava uma ordem que estava além da imperfeição. Em Rembrandt (1.606-1.669) o espaço ganharia vastidão em função de um jogo de luminosidade e cores, em que a relação entre o escuro e o claro produziria uma perspectiva cosmológica do espaço. Na representação das paisagens, tanto para os pintores italianos quanto holandeses, consegue-se perceber duas concepções metafísicas de mundo. Uma delas, a neoplatônica, defendida pelos italianos, destaca que o olho enviava sua luz às coisas para fazê-las visíveis e, o corpo humano masculino, seria a proporção e a escala para se representar todas as coisas. Já uma segunda concepção, a dos holandeses, que diferentemente da italiana, tinha como referência o olho, entendia que o mesmo deveria percorrer o mundo, não por fora, mas no meio dele. Tais interpretações se uniram aos avanços tecnológicos, como o telescópio e o microscópio, que contribuíram para maximizar os valores dos desenhos na história natural, na geografia e na cartografia, reforçando a visão de que ver, pintar e desenhar, eram maneiras de conhecer a realidade (ÉVORA, 1994; REINBOLD, 1982, apud VITTE, 2007).

Esse modo de se analisar as paisagens, utilizando sobre tudo pinturas e fotografias, ainda é amplamente utilizado, não somente pelos geógrafos, como pelos arquitetos e ecologistas. O surgimento da representação da paisagem, no Ocidente, assinalou a emergência da paisagem como fenômeno social, percebido e operado pela sociedade, porém ao se trabalhar apenas com um órgão sensorial ocorre uma redução potencial de percepção e observação, elementos amplamente valorizados no Romantismo, principalmente a partir das obras de Kant, Goethe e Von Humboldt, autores que influenciaram os debates sobre a relação entre sociedade e natureza, entre Geografia Humana e Geografia Física. As discussões filosóficas contribuíram para o surgimento de novas ideias sobre a paisagem, que eram mais representativas do que as trabalhadas nos períodos precedentes. Influenciada pelo romantismo, a forma adquiriu o status de perfeição e sua existência ocorreria em função de uma afinidade eletiva entre a natureza e a cultura, permitindo assim, definir as paisagens e atribuí-lhe uma identidade (GOETHE, 1992 apud VITTE, 2010).

Diferentes legados e contribuições fundamentaram a concepção de paisagem, colocando-a como categoria de análise geográfica. De acordo com Vitte (2010, p.8), Immanuel Kant, em 1.791, apresenta a “Crítica da Faculdade do Juízo” e, com ela, um conjunto de transformações no entendimento da estética da natureza, partindo das diferenças entre o agradável, o bom e o belo. Com essa noção, Kant trabalha com a percepção estética, ele releva o papel da intuição no conhecimento. Dessa maneira, Kant estabelece uma noção importante para a fundamentação da paisagem, principalmente a partir do princípio teleológico da natureza, a representação de uma finalidade natural expressa em seus processos e manifestação. O trabalho de Kant favorece o desenvolvimento do pensamento romântico alemão do século XIX e dá a paisagem um sentido analítico na medida em que é reveladora de uma ordenação da natureza em busca de seu fim.

Em “A metamorfose das Plantas”, Goethe em 1.997, muda a concepção de mundo (o homem não pode ser entendido sem o mundo e nem o mundo sem o homem), vendo o mundo como uma coisa viva, dinâmica, não enxergando uma homogeneidade linear, oferecendo à análise científica uma linguagem própria do artista, do poeta. Ultrapassando estes limites, enxerga na *forma* a unificação de uma realidade complexa e fluída: a forma representaria a síntese. Assim Goethe desenvolveu um método que tinha por fundamento a comparação de elementos, de suas estruturas percebidas por um olhar científico-artístico, almejando as ligações, das relações estabelecidas entre os diferentes componentes percebidos e a totalidade de que era representação da paisagem. (VITTE, 2010, p. 9-10)

Influenciado pelos princípios de Kant e Goethe, Alexandre Humboldt, procurou construir uma ciência que abarcasse a complexidade, presente no agrupamento das informações e representações, objetivando trazer ao alcance do olho humano uma interação estabelecida entre o todo e suas partes. A base do trabalho humboldtiano foi à descrição e a representação das estruturas naturais, onde a forma era o elemento integrador. A vegetação foi valorizada, surgindo como elemento integrador entre todas as variáveis climáticas e morfológicas, sendo caracterizada como a fonte de toda interpretação e entendimento da realidade presente na paisagem, definida pela filosofia do olhar, mas que não se limitava ao universo natural, trazendo para o estudo da Terra o elemento humano, originando uma paisagem geográfica. (VITTE, 2010, p. 11-12)

Assim as análises das interações da Natureza com a Sociedade foram empreendidas dentro do texto da Geografia e tiveram como consequência o surgimento de duas formas de analisar a configuração do planeta Terra: uma visão voltada para a Natureza e uma visão centrada no Homem e na Sociedade (VITTE, 2010, p. 13). A concepção natural e integrada, presente em um espaço físico concreto, está presente nos trabalhos de Humboldt, Dokuchaev, Passarge e Berg no século XIX e nos primeiros anos do século XX. Outra visão da natureza foi abordada a partir da Biologia, com o surgimento da Ecologia como disciplina biológica nos finais do século XIX. Em 1.935, aparece pela primeira vez o conceito de ecossistema, que centralizava a análise da relação organismo-meio, baseada na concepção da Teoria Geral de Sistemas, centrado na funcionalidade dos sistemas ecológicos, deixando o entorno ambiental isolado, não sendo considerados em sua totalidade.

Nos anos 60 do século XX, Victor Sotchava, utilizou o conceito de *Landschaft* (paisagem natural) o considerando como sinônimo da noção de geossistema e estreando a análise espacial articulada com a análise funcional. Em seus trabalhos, a ênfase é colocada nas interações entre os diversos componentes, objetivando uma abordagem sistêmica, destacando a necessidade que a Geografia Física possuía de analisar o Meio Natural incluindo as modificações antrópicas. Assim, a paisagem era considerada como uma formação sistêmica, formada por cinco atributos sistêmicos fundamentais: estrutura, funcionamento, dinâmica, evolução e informação. A taxonomia dos geossistemas deveria ser baseada em várias classes, sendo organizadas em unidades homogêneas, a partir dos níveis inferiores em: Biogeocenoses, Fácies, Grupo de Fácies, Classe de Fácies, Geoma, Sub-grupo de Geomas, Grupo de Geomas, Sub-grupo de Geomas, Sub-classe de Tipos de Paisagens, Províncias Físico-Geográficas, Grupos de Províncias, Sub-continentes, Cinturão Físico-Geográfico, Micrócoro, Mesócoro, Topogeócoro e Macrogeócoro (TRICART, 1982, p. 24). Como apontado por Tricart (1982), nenhum desses táxons foi definido com precisão, sendo que os próprios princípios de classificação não são explicados, o que dificulta a sua compreensão.

Ainda nos anos 60, a Geografia era composta por dois ramos dicotômicos em conflito: a Geografia Física em duas vertentes, a que estudava os componentes naturais isolados e aquela que estudava as paisagens ou *geossistemas* como totalidades parciais e esquecia as interações com a Sociedade Humana;

e a Geografia Econômica e Humana, que esquecia a Natureza como base dos comportamentos sociais, ou a considerava só como recurso e fonte do progresso. A noção de paisagem foi, inclusive, considerada como diferente da noção de geossistema. Essa década também é marcada por mudanças significativas nas percepções e cognições das questões ambientais, principalmente a partir da publicação em 1962 do livro “Primavera Silenciosa” de Raquel Carson e em 1968, dos Limites do Crescimento, lançados pelo Clube de Roma. Dessa maneira, a Geografia se transformava para enfrentar a questão ambiental, exigente de uma análise holística, dialética e articulada, entre os diferentes níveis de interação Natureza-Sociedade e a formação dos sistemas ambientais.

Na década de 1970, a classificação dos geossistemas estabelecida por Bertrand, classificava as paisagens naturais em seis níveis espaço-temporais: zona, domínio, região (denominadas unidades superiores) e geossistema, geofácies e geótopos (denominadas unidades inferiores). Dessa maneira, Bertrand leva em consideração, além do sistema de evolução, o estágio atingindo em relação ao clímax e o sentido geral da dinâmica (estável, progressivo ou regressivo), podendo ser considerado como Geossistema em biostasia (relativamente estável) ou Geossistema em resistasia (marcada por alterações no potencial ecológico), denominados de acordo com os processos geomorfológicos (BERTRAND, 2004, p. 141-152).

Nos anos 80, fortalece as abordagens ecológicas e com ela a *Ecologia das Paisagens*¹, recriando a paisagem como a expressão espacial dos ecossistemas e um complexo, padrão ou mosaico de ecótopos, ou seja, um mosaico de ecossistemas

¹ Como apresentado por Metzger (2001), no prolegômeno do termo de ecologia das paisagens, podemos citar os trabalhos do biogeógrafo Carl Troll, que em 1939 foi o primeiro a empregar o termo ecologia das paisagens, ligada noção de espacialidade e heterogeneidade do espaço onde o homem habita. Esse primeiro surgimento do termo foi fortemente influenciado pela geografia humana, a fitossociologia e a biogeografia, se preocupando com o planejamento da ocupação territorial, através do conhecimento dos limites e das potencialidades de uso econômico de cada “unidade da paisagem”; os estudos das paisagens culturais e a análise de amplas áreas espaciais, abordando macro-escalas, tanto espaciais, quanto temporais. Com essas características, o termo ecologia das paisagens, adquiriu a conotação de disciplina holística, integradora de ciências sociais, geo-físicas e biológicas, visando em particular, a compreensão global da paisagem (essencialmente “cultural”) e o ordenamento territorial, se diferenciando, significativamente, da abordagem dos anos 80.

concretos. Nesse momento, a estrutura do geossistema é vista como uma poliestrutura, incluindo geoestruturamorfotogênica, hidroclimatogênica e biopedogênica, devidamente hierarquizados em vários níveis e ordens (RODRIGUEZ, 2002, p.96-112). Maior ênfase é atribuída às paisagens naturais ou unidades naturais da paisagem, à aplicação de conceitos da ecologia de paisagens para a conservação da diversidade biológica e ao manejo de recursos naturais, não enfatizando obrigatoriamente macro-escalas (METZGER, 2001, p.1-9).

Nessa mesma década, a Geografia Física das Paisagens começou a ser denominada Eco-geografia ou Geoecologia, sendo desenvolvida principalmente pela escola de Jean Tricart². As unidades ecodinâmicas foram consideradas por essa linha de pensamento como sistemas ambientais por excelência, fundamentadas no relevo e na geomorfologia. A ótica dinâmica foi imposta a fim de terminar uma maneira de organizar o espaço se buscando determinar como a ação se inserir na dinâmica natural, para se corrigir certos aspectos desfavoráveis e para facilitar a exploração dos recursos ecológicos que o meio oferece. As unidades ecodinâmicas foram determinadas de acordo com os três grandes tipos de meios morfodinâmicos, em função da intensidade dos processos atuais, assim classificados: *meios estáveis*, *meios intergrades* e *os fortemente instáveis*.

Para Tricart (1977, p.1-91), os *meios estáveis* são caracterizados por sua lenta evolução e a constância dela, resultando na permanência no tempo de combinações de fatores. As condições se aproximam daquelas que os fitoecologistas designam

² Jean Léon François Tricart, nascido em 1920, foi incumbido pela UNESCO dos problemas de pesquisa relativos ao aproveitamento do meio ambiente, trabalhando com projetos relativos a bacias fluviais em Dakar, aplicação de métodos geomorfológicos a pesquisas de águas subterrâneas no Peru, no Chile, na Venezuela, na Colômbia. Dentre as principais atividades realizadas, destaca-se a dedicação aos estudos da integração dos solos na ambiência ecológica, o que originou uma nova metodologia aplicada no rio Senegal e no vale médio do rio Níger (no continente africano), a Venezuela, na Colômbia, na Argentina e no Uruguai. Em 1977, a publicação da SUPREN/IBGE, denominada "Ecodinâmica" deixa uma significativa contribuição a respeito do conhecimento e orientação para ações mais sustentáveis no território brasileiro. A publicação organizada em 5 unidades, trabalha, respectivamente, com as noções de conceito ecológico, a ecodinâmica e os problemas ambientais, a classificação ecodinâmica dos meios ambientes, a avaliação integrada das características regionais e o estudo e a cartografia dos meios ambientes do ponto de vista ecológico.

pelo termo *clímax*. Os meios morfodinamicamente estáveis são encontrados em regiões dotadas de três condições:

Cobertura vegetal suficientemente fechada para opor um freio eficaz ao desenvolvimento dos processos mecânicos da morfogênese, denominada de *fitoestasia*³;

Dissecação moderada, sem incisão violenta dos cursos d'água, sem sapeamento vigorosos dos rios, e vertentes de lenta evolução; e

Ausência de manifestações vulcânicas suscetíveis de desencadear paroxismos morfodinâmicos de aspectos mais ou menos catastróficos.

Os *meios intergrades* designam uma transição, entre os meios estáveis e os meios instáveis, caracterizados pela interferência permanente de morfogênese e pedogênese, atuantes de maneira concorrente em um mesmo espaço. Esses meios são particularmente delicados e sensíveis às influências locais, se transformando em meios instáveis, cuja exploração pode ser comprometida. Já nos *meios fortemente instáveis*, a morfogênese é o elemento predominante da dinâmica natural, funcionando como o fator determinante do sistema natural, estando os outros elementos subordinados a sua atuação. A cobertura vegetal também intervém nesse meio, introduzindo uma influência indireta do clima, afetando a bioestasia, aproveitamento econômico e, conseqüentemente, torna os processos morfodinâmicos mais ativos, podendo ocorrer situações características de meios intergrades, com predominância da morfogênese sobre a pedogênese.

Atualmente, Bertrand (2007, p. 275-299) apresentou um método de análise da paisagem que ele denomina como um novo paradigma, buscando reunir os principais pontos das metodologias anteriormente abordadas, e assim, enriquecendo as discussões contemporâneas sobre o conceito. A proposta metodológica é o paradigma GTP (Geossistema-Território-Paisagem), um sistema tripolar e interativo, para análise não apenas dos fatos naturais ou sociais isoladamente, mas sim, para analisar a complexidade expressa nas várias formas de relações construídas entre sociedade e ambiente na sua globalidade. Este sistema é composto por três categorias híbridas ou três tempos: *tempo do geossistema*, *tempo do território* e *tempo da paisagem*.

³ A importância da cobertura vegetal foi estudada pelo pedólogo H. Erthart e posta em evidência pelo termo bioestasia, porém para Tricart (1977), o termo mais preciso e justo para a temática seria fitoestasia, pois excluiria a atuação dos animais como estabilizadores do meio, atribuindo maior destaque as plantas.

Para Bertrand (2007, p. 284), o tempo do geossistema é aquele da natureza antropizada, é o tempo da fonte, das características bio-físicas-químicas de sua água e de seus ritmos hidrológicos; o tempo do território é aquele do social e do econômico, do tempo do mercado ao tempo do “desenvolvimento

durável”: é o tempo do recurso, da gestão, da redistribuição, da poluição-despoluição; e o tempo da paisagem é aquele do cultural, do patrimônio, do identitário e das representações: é o tempo do retorno às fontes, aquele do simbólico, do mito e do ritual.

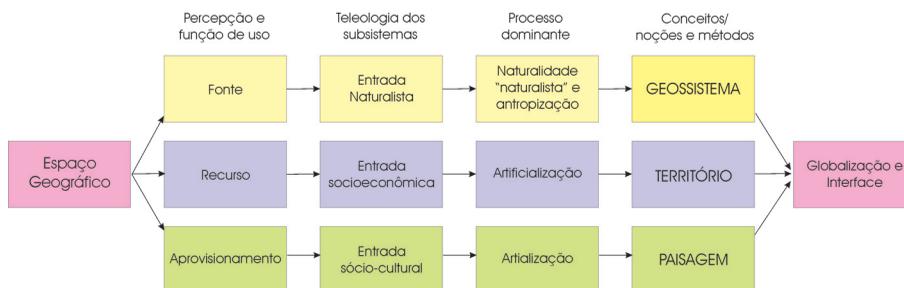


Figura 1 - O sistema GTP. Fonte: Bertrand, G.; Bertrand, C. 2007, p. 299. Elaboração: BRITTO, M. C.

Trata-se essencialmente, de apreender as interações entre os elementos constitutivos diferentes e, muito especialmente, de ver como interagem a paisagem, o território e o geossistema, analisados com base em duas coordenadas interativas: as coordenadas materiais e a investigação sobre os atores da paisagem. Para Bertrand, para cada território considerado, as representações das paisagens apontariam para um sistema dominante e um número variável de subsistemas dominados. O sistema dominante é compartilhado pela maior número, apresentando uma forte carga afetiva e identitária, sendo frequentemente elitista e fabricado na cultura contemporânea das mídias. Por outro lado, os subsistemas apresentam um caráter individual, podendo ser caracterizados de modo unívoco, incluindo os que se apresentam com consciência ambiental e aqueles desfavorecidos, excluídos de qualquer cultura paisagística.

Assim, ao se trabalhar com essa metodologia, deve-se ter em mente uma visão sistêmica, não se permitindo reduzir a análise da paisagem à soma de seus elementos constituintes, posto que estes apareçam dispostos, interconectados e estruturados de uma determinada maneira e a paisagem, em sua

totalidade, deve ser compreendida para além das somas dos elementos dispartados.

Síntese das abordagens e autores que influenciaram e influenciam o estudo das paisagens na ciência geográfica.

De acordo com as diferentes abordagens filosóficas, citadas anteriormente, pode-se demonstrar a influência no conceito de paisagem, ligados às escolas alemãs, francesas, russas, norte-americanas e nacionais. As abordagens apontam diferentes paisagens, que por sua vez, geram diferentes resultados.

A evolução das diferentes abordagens filosóficas congrega o conceito de paisagem ora de forma estática, ora dinâmica, ora destacando seu caráter abstrato, ora como produto territorial das ações entre o capital e o trabalho, ora de caráter mais holístico. Atualmente, a paisagem, como um conceito que sintetiza o objeto geográfico, deve abarcar as questões ambientais e estéticas, incluindo o homem e suas ações, diretas ou indiretas, no espaço.

Para demonstrar as diferentes abordagens científicas apresentar-se-á a seguirum quadro, contendo a síntese das diferentes definições e abordagens do conceito de paisagem que são base de muitos trabalhos geográficos atuais.

AUTOR	ORGANIZAÇÃO DO CONCEITO DE PAISAGEM
A. Von Humboldt	Visão holística da paisagem, de forma que associava elementos diversos da natureza e da ação humana, sistematizando, assim, a ciência geográfica.
Carl Ritter	Completo e organizou o trabalho de Humboldt, dedicando especial atenção às descrições e análises regionais
Friedrich Ratzel	Utilizou o conceito de paisagem em uma forma antropogênica, demonstrando que ela é o resultado do distanciamento do espírito humano do seu meio natural. Desta forma, descreve uma dialética entre os elementos fixos da paisagem natural, com os elementos móveis, em geral humanos.
Otto Schlüter	Faz da paisagem o objeto da geografia humana. A paisagem é tanto modelada pelas forças da natureza e pela vida, quanto pela ação dos homens. O conceito de paisagem geográfica como originalmente formulado foi descaracterizado, podendo-se apontar a paisagem cultural (Kulturlandschaft), paisagem natural (Naturlandschaft), paisagem florestal (Urlandschaft).
Siegfried Passarge	Utilizou o conceito de “ciência da paisagem”, interpretando esse conceito como representação, sendo claramente utilizada na interação dos habitantes com seu ambiente. Discurso “psicologizante” na Geografia da paisagem. A compreensão do processo genético e estruturador das paisagens naturais, associado a um instrumental cartográfico, permitiu ao geógrafo estabelecer um ordem e uma hierarquia entre as paisagens, passando do nível local ao zonal.
Alfred Hettner	Compôs a geografia em três perspectivas: a geografia geral, a nomotética (trabalhando a paisagem de forma comparada), e a idiográfica (focaliza no conjunto específico de uma única paisagem, buscando entender como ela se organiza internamente). A geografia deveria ser ao mesmo tempo física e humana.
Carl Sauer	Tratou a paisagem numa perspectiva morfológica, tanto em aspectos naturais como em aspectos humanos. A geografia cultural, representa, conseqüentemente, uma materialização de pensamentos e ações humanas, mas nunca sai do seu caráter físico-material. A paisagem possui um caráter integrador e relacional, estando associada ao tempo e ao espaço. Sugere uma separação entre a paisagem natural e a cultural. Atribui ao homem a responsabilidade de transformar a paisagem. Em 1925, escrevia que os objetos da paisagem existem em correlação. Essa correlação não era, aliás, tão nítida, tão indispensável como hoje. Mas já então, a idéia de objetos em sistema era fundamental para o trabalho geográfico. Para Sauer, na formação da paisagem, a cultura era o agente, a paisagem natural o meio, e a paisagem o resultado.
Richard Hartshorne	Diferencia os significados de paisagem e região, dando mais destaque ao segundo conceito. Para os adeptos do conceito de paisagem, a tipologia morfológica é o produto final da pesquisa.

<p>Carl Troll</p>	<p>Paisagem representa um conjunto específico de relações ecológicas, principalmente com seus fatores físicos. Essa ideia dar origem à “Landschaftsökologie” (ecologia da paisagem). A paisagem é definida como a entidade visual e espacial total do espaço vivido pelo homem.</p>
<p>Paul Schmithüsen</p>	<p>Denominada Landschaftskomplex, a paisagem deveria ser definida pelo conjunto dos seus processos ecológicos.</p>
<p>Denis E. Cosgrove</p>	<p>A paisagem está intimamente ligada à cultura e à ideia de que as formas visíveis são representações de discursos e pensamentos. A paisagem aparece como um lugar simbólico. A paisagem se faz através da criação de uma unidade visual onde o seu caráter é determinado pela organização de um sistema de significação.</p>
<p>E. P. Odum</p>	<p>O termo paisagem é substituído por “ecossistemas”, focalizando mais nos elementos funcionais, integrativos, e menos na parte descritiva. A paisagem volta a tomar corpo tanto como objeto de exploração por grupos econômicos como objeto de interesse de proteção de uma coletividade com uma certa consciência ambiental.</p>
<p>Hartmut Leser</p>	<p>A paisagem é definida como um sistema ecológico</p>
<p>Jean Paul Metzler</p>	<p>Paisagem é definida como um mosaico heterogêneo formado por unidades interativas, sendo esta heterogeneidade existente para pelo menos um fator, segundo um observador e numa determinada escala de observação. Uma paisagem pode se apresentar sob forma de mosaico, contendo manchas, corredores e matriz, ou sob forma de gradiente.</p>
<p>Linda Mc Dowell</p>	<p>A paisagem é representada não apenas como o resultado material de interações, mas como uma maneira específica de olhar.</p>
<p>E. Dardel</p>	<p>A paisagem não se refere à essência, ao que é visto, mas, representa a inserção do homem no mundo, a manifestação de seu ser para com os outros, base de seu ser social.</p>
<p>Paul Claval</p>	<p>A paisagem é a realização e a materialização de idéias dentro de determinados sistemas de significação. Cria a paisagem como uma representação cultural.</p>
<p>George Bertrand</p>	<p>A paisagem não é a simples adição de elementos geográficos disparatados. É uma determinada porção do espaço, resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução. O autor discute um sistema taxonômico que permitiria classificar as paisagens em seis níveis temporo-espaciais (zona, domínio, região, geossistema, geofácies e geótopos). Dentre as seis categorias de unidades de paisagem, Bertrand dá uma maior atenção para o geossistema. A classificação da paisagem não pode ser considerada um fim em si, mas sim um passo seguindo pela avaliação de cada unidade e, para tanto, Bertrand escolheu uma tipologia dinâmica que classifica as unidades da paisagem (mas especificamente os geossistemas) em função de sua evolução de sua evolução em relação ao clímax, tipologia inspirada na teoria de bio-resistancia de H. Erhart.</p>

<p>Aziz Nacib Ab' Saber</p>	<p>Compreendeu a paisagem como sendo o resultado de uma relação entre os processos passados e os atuais. Os processos passados foram os responsáveis pela compartimentação regional da superfície, enquanto que os processos atuais respondem pela dinâmica atual das paisagens.</p>
<p>Milton Santos</p>	<p>Buscou distinguir a paisagem do espaço, sendo este, seu instrumento de análise. Fundada em uma dialética entre esses dois conceitos, o autor descreve a paisagem como:</p> <ul style="list-style-type: none"> • A paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre o homem e natureza; • A paisagem é apenas a porção da configuração territorial que é possível abarcar com a visão; • A paisagem se dá como um conjunto de objetos reais-concretos. Nesse sentido, a paisagem é transtemporal, juntando objetos passados e presentes, uma construção transversal; • Cada paisagem se caracteriza por uma dada distribuição de formas-objetos, providas de um conteúdo técnico específico; • A paisagem é, pois, um sistema material e, nessa condição, relativamente imutável; • A paisagem existe, através de suas formas, criadas em momentos históricos diferentes, porém coexistem no momento atual; • Numa perspectiva lógica, a paisagem é já o espaço humano em perspectiva; • A paisagem é apenas uma parte da situação. A situação como um todo é definida pela sociedade, <i>enquanto</i> sociedade e <i>como</i> espaço.

Tabela 2 - Diferentes organizações do conceito de paisagem. Elaboração: BRITTO, M.C.

Considerações Finais

Como apontado por Bertrand, muitos são os autores que trabalham com o conceito de paisagem, mas poucas as metodologias que buscam abordar o conceito para além da visão, do belo, do afetivo, do físico ou do cultural, ou mesmo, com uma abordagem integrada entre as paisagens do campo e da cidade, com seus elementos constitutivos de um espaço geográfico globalizado. Ao ler o livro, *Geografia: Conceitos e Temas*, lamento a ausência de um capítulo que trabalhe com esse conceito separadamente, ou mesmo de livros que analisem essa temática de forma complexa, holística e crítica. Na verdade, isso demonstra a influência fortemente

artística e a fragilidade de métodos e estudos científicos, principalmente nacionais.

Discutir essa pluralidade conceitual e cognitiva do conceito de paisagem, principalmente no âmbito da geografia, constituiu certamente um grande desafio. Para a esfera da geografia física já se percebe uma maior adequação, uma vez que os trabalhos atuais estão começando a focar as problemáticas da paisagem, levando em conta o homem, mesmo que engendrado em um segundo plano de análise. Assim, considero que o maior desafio está posto para a geografia cultural, cheias de valores subjetivos, relacionados com a cultura e com a nulidade dos processos naturais.

Referência Bibliográfica

BERTRAND, G.; BERTRAND, C. **Uma geografia transversal e de travessias: o meio ambiente através do território e das temporalidades**. Maringá: Massoni, 2007.

CHRISTOFOLETTI, A. **Modelagem de Sistemas Ambientais**. São Paulo: Ed. Edgard Blucher, 1999.

CASTRO, I. E.; GOMES, P. C.C. & CORRÊA, R. L. C. (orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

CONTI, J. B. **Resgatando a “Fisiologia da Paisagem”**. Revista do Departamento de Geografia, v.14, Universidade de São Paulo, p. 59-68, 2001.

DARDEL, E. (1990, 2ª. Ed.). **L'Homme Et La Terre – nature de La réalité géographique**. Paris, Ed. CTHS.

HOLZER, W. **Memórias de Viajantes: Paisagens e lugares de um novo mundo**. II Encontro Interdisciplinar sobre o Estudo da Paisagem. São Paulo, 1996.

JUNIOR, E. S. **Paisagens e métodos. Algumas contribuições para elaboração de roteiros de estudo da paisagem intra-urbana**. In: Revista Paisagens em Debate, FAU-USP, 2004.

KANT, I. **Crítica da Faculdade do Juízo**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.

METZGER, J. P. **O que é ecologia de paisagens?** Revista Biota Neotropica, Vol. 1, números 1 e 2, p. 1-9, 2001.

PASSARGE, S. **Physiologischemorphologie**. Hamburgo: Friedericksen, 1912.

ROCHA, Y.T. **Teoria geográfica da paisagem na análise de fragmentos de paisagens urbanas de Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro**. Revista Formação, nº 15, volume 1, p.19-35, 2008.

RODRIGUES, J.M.M. & SILVA, E.V. **A classificação das paisagens a partir de uma visão geossistêmica**. Revista Mercator, ano 01, nº 01, Ceará, 2002.

SANTOS, M. **A natureza do Espaço**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

SHIER, R. **Trajetórias do conceito de paisagem na geografia**. R. RA'E GA, Curitiba, n.7, p. 79-86, 2003. Editora UFPR.

TRICART, J. **Ecodinâmica**. SUPREN/IBGE, Rio de Janeiro, 1977.

VITTE, A. C. **O Desenvolvimento do conceito de paisagem e sua inserção na geografia física**. In: Revista Mercator, n. 11, 2007, p.71-78.

VITTE, A. C. **Kant, Goethe e Alexander Humboldt: Estética e paisagem na gênese da geografia física moderna**. In: Revista ACTA Geografia, Ano IV, n. 8, 2010, p. 07-14.